

A CARTILHA MARCELO, VERA E FAÍSCA: UMA PRODUÇÃO DIDÁTICA GAÚCHA

TATIARA TIMM DE CARVALHO HERREIRA¹;
ELIANE PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – tati.herre@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eteperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa intitulado “Produção, circulação e uso de cartilhas e livros didáticos produzidos por autoras gaúchas (1940-1980)”, financiado pelo CNPq (Edital Chamada Universal MCTI/CNPQ Nº 14/2014) e é desenvolvido no grupo de pesquisa História da Alfabetização Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES), do qual sou bolsista PIBIC-CNPq. O referido grupo é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPEL) e tem procurado estabelecer uma política de recolha, tratamento e guarda de objetos da cultura material escolar, constituindo, assim, importantes acervos para a pesquisa educacional.¹

O objetivo deste trabalho é descrever a cartilha *Marcelo, Vera e Faísca*, bem como explicitar o método de alfabetização sob o qual a referida cartilha foi produzida, o das palavras progressivas. O exemplar aqui descrito é a 2ª edição de 1962, pertence ao acervo do grupo de pesquisa HISALES e foi escolhido como objeto de estudo por ser uma importante obra produzida por autoras sul-riograndeses na década de 1960, e por se diferenciar das demais obras gaúchas da época, tanto no método, como no fato de não haver imagens nas suas páginas; além disso, pelo fato de ter sido produzida por nove autoras, sob a supervisão de uma décima profissional da educação.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realizar esse trabalho foi feita a partir de leituras de textos e artigos que embasam os estudos sobre a produção de livros didáticos, de métodos de alfabetização e de produção de cartilhas. A empiria desse estudo é a própria cartilha *Marcelo, Vera e Faísca*, bem como o Manual do Professor (1967, s/ed.), ambos pertencentes ao acervo do grupo de pesquisa referido.

Os estudos nesse campo indicam para a necessidade de uma metodologia descritiva (descrição dos aspectos gráficos-editoriais e do conteúdo), bem como da interpretativa (contexto da produção, autoria, vínculos institucionais, etc).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para este trabalho foi consultada e descrita a 2ª edição de *Marcelo, Vera e Faísca*, do ano de 1962, período no qual havia forte influência do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (CPOE/SEC-RS)², nas produções dos livros didáticos e cartilhas gaúchas. Esse centro teve um importante papel no ensino primário gaúcho, pois “orientou, decidiu, fiscalizou, controlou, pesquisou, determinou projetos e práticas

1 Sobre os acervos do HISALES ver: Peres, 2011; Peres & Ramil, 2015; Thies & Vieira, 2015; Peres & Ramil, no prelo). Ou acessar o site: http://wp.ufpel.edu.br/hisales/?page_id=14

2 Para saber mais sobre o CPOE/SEC-RS ver Peres (2000).

pedagógicas para/da escola primária, principalmente nas décadas de 40, 50 e 60” (PERES, 2000, p. 152), dessa forma, tendo influenciado também na produção didática gaúcha.

Além da cartilha, o material compreende também O Manual do Professor e um conjunto de material didático para uso de classe³.

Na capa da cartilha aqui estudada predominam as cores laranja, preto e branco. Há, também, os nomes dos três personagens principais: Marcelo, Vera e Faísca, contendo as imagens desses personagens. Logo abaixo há as informações do método de alfabetização e o tipo de letra que utiliza: **Método Global de Palavras Progressivas**, e a **letra script** respectivamente. Consta, também, o nome da editora **Tabajara**, importante casa editorial de livros didáticos no Rio Grande do Sul (RAMIL, 2016), como se pode ver na imagem a seguir:



Figura 1: CAPA

A organização dessa obra surgiu, segundo consta, da análise feita por “professôr-estudantes do ‘Curso de Especialização em 1º e 2º anos’ [...], todos com classes de alfabetização” (LIMA et al, 1967, p. 19).

A cartilha foi produzida por nove autoras, *Norma Menezes de Oliveira, Alsina Alves de Lima, Eny Emília Dias da Silveira, Liliana Tavares Rosa, Maria Flora de Menezes Ribeiro, Maria Heoniza Nascimento da Silva, Norma Nunes de Menezes, Marilena Tavares Rosa e Rachel Kier* e uma supervisora, *Martha Silva de Carvalho*, o que não era comum nas produções gaúchas da época.

A intenção das autoras, com a organização dessa cartilha, não era a de criticar os métodos utilizados anteriormente, pois eles “possibilitaram a organização dêste trabalho” (LIMA et al, 1967, p. 19), mas sim a de disponibilizar aos colegas a cartilha *Marcelo, Vera e Faísca*, proporcionando aos alunos uma forma de aprender mais atraente e simples, com experiências da sua infância. O desejo das autoras, em relação às crianças, era “possibilitar-lhes uma aprendizagem interessante e fácil, rica em vivência e oportunidades de alargamento de seu mundo infantil” (LIMA et al, 1967, p. 20). Segundo as autoras, a aprendizagem da leitura e da escrita exigiria dos alunos “uma nova tomada de posição frente à vida; requer tôdas suas experiências anteriores para buscar compreender e explicar o que está acontecendo” (LIMA et al, 1967, p. 20).

Na cartilha, ao todo, há cinco personagens: Marcelo (menino), Vera (menina), Faísca (cachorro), Nilo (amigo) e Gládis (prima). Inicialmente é apresentando o nome de Marcelo e nas páginas seguintes são introduzidas outras palavras e os nomes dos outros personagens formando pequenas frases, tornando progressivamente o texto e a leitura mais complexos.

3 Essas informações constam na cartilha *Marcelo, Vera e Faísca* utilizada para realizar esse trabalho.

Marcelo, Vera e Faísca não possui imagens em suas páginas internas, assim o aluno deveria construir paulatinamente o material e participar mais ativamente do próprio processo de aprendizagem, desenhando os personagens e as ações por eles vivenciadas. Nesse sentido, “os espaços em branco na página supunham a participação ativa do aluno, produzindo e criando suas próprias personagens e cenários através do desenho livre” (PERES e RAMIL, 2015, p. 196). A seguir a reprodução de páginas internas da cartilha:

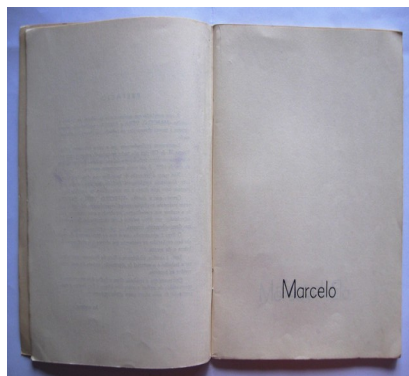


Figura 2: Pág. 7

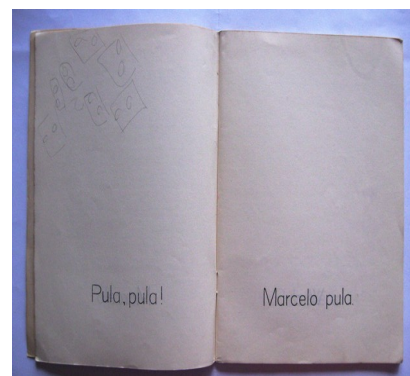


Figura 3: Págs. 8-9

No que tange ao método da cartilha, esse é considerado global porque começa pela palavra que é uma unidade significativa, isto é, possui significado, diferente das sílabas e letras e progride para as sentenças. As autoras denominam esse processo, então, de “*palavras progressivas*” (LIMA et al, 1967, p. 24)

Assim, o **Método Global das Palavras Progressivas** é assim denominado porque as palavras vão sendo introduzidas de maneira progressiva, formando primeiro as frases e depois as historietas. E essa denominação foi “influenciada pela ideia do controle, da repetição e da apresentação progressiva das palavras, procedimentos próprias da *word recognition*”, de influência norte-americana (PERES, 2012; PERES & RAMIL, 2015, p. 197). Ainda com relação ao método da *word recognition*, Peres (2014, p. 101), afirma que “a orientação dos teóricos americanos era que as unidades maiores (frases e historietas) deveriam ser introduzidas logo que o aluno fosse capaz de lidar com as palavras sem muita dificuldade e confusão”. Dessa forma, após aprender várias palavras o aluno teria a capacidade de ler frases e sentenças constituídas por essas palavras, com maior facilidade.

Em relação à letra script, defendida pelas autoras e usada nas páginas da cartilha, no Manual do Professor as autoras revelam uma preocupação, não somente relacionada à leitura, mas também com a escrita da criança, pois acreditavam ser a escrita de fundamental importância para a inserção do aluno na sociedade, pois para conseguir se comunicar bem com as outras pessoas era necessário que o sujeito soubesse ler e escrever bem de acordo com as demandas sociais, que no período significava um aumento da circulação e uso de materiais impressos, cuja letra era a imprensa (*script*) (Lima et al, 1967). Assim, a chamada letra script foi adotada na cartilha por ser um tipo de letra simples, legível e de fácil manuseio e de circulação social mais ampla. (LIMA, 1967).

4. CONCLUSÕES

A partir da descrição da cartilha, dos dados do Manual do professor e com base nos estudos feitos, ficou claro que *Marcelo, Vera e Faísca* foi “produto” de seu tempo, uma importante obra de autoras gaúchas, feita na década de 1960. Época em que a produção de livros didáticos no Rio Grande do Sul estava no ápice e que as disputas dos métodos de ensino da leitura e da escrita estavam acirradas, com a veemente defesa do método global, especialmente pelas orietadoras educacionais do CPOE

Marcelo, Vera e Faísca, com seu Método Global das Palavras Progressivas e o uso da letra script foi apresentado à comunidade escolar como uma alternativa para alfabetizar, de forma adequada e competente, as crianças. Tinha como passos do método introduzir primeiro as palavras e, após o conhecimento de um número delas, por parte da criança, apresentar frases e textos com mais facilidade e para o desenvolvimento da leitura corrente. Há correspondência perceptível nessa proposta e naquela da *word-recognition* defendida pelos teóricos norte-americanos (PERES, 2014): apresentava-se um conjunto de palavras que as crianças deveriam conhecer, dominar, ler e escrever com maestria para, progressivamente, avançar para a composição de sentenças e de historietas, fazendo, assim, com que a criança dominasse a leitura e a escrita fluentes.

Um diferencial da cartilha é aquela indicada anteriormente: a ausência de imagens em seu interior, na perspectiva de que o aluno construiria, no processo de aprendizagem, o próprio material didático. Por fim, um dado que ainda precisa ser explorado e merece um estudo aprofundado, é a autoria coletiva da obra. Era incomum que nove professoras e uma supervisora assinassem um livro didático à época.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Alcina Alves de, *et al*, **Cartilha Marcelo, Vera e Faísca**, 2ª ed, Livraria Tabajara S. A., 1962.

_____. **Manual do Professor**, Marcelo, Vera e Faísca, 3ª ed, Livraria Tabajara S. A., 1967.

PERES, Eliane. *Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir: a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública primária gaúcha (1909-1959)*. 2000. 380 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

_____. *Influências do Pensamento Norte-Americano na Produção de Cartilhas para o Ensino da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Sul na Década de 1960*. In: Maria do Rosário Longo Mortatti; Isabel Cristina Aves da Silva Frade. (Org.). *História do Ensino de Leitura e Escrita. Métodos e Material Didático*. 1ed. Marília: Editora da UNESP/Oficina Universitária, 2014, v. 1, p. 93-120.

PERES, Eliane e RAMIL, Chris de Azevedo. *Cartilhas produzidas por autoras gaúchas: Um estudo sobre a circulação e o uso em escolas do Rio Grande do Sul (1940-1980)*. **Revista Brasileira de Alfabetização - ABALF**. Vitória, ES. v. 1. n. 1. p. 177-203. jan/jun, 2015.